

UM LONGO E BELO CAMINHO: DAS HERESIAS TRINITÁRIAS AO DOGMA TRINITÁRIO

Hudson Lima e Silva Filho¹

Resumo

O trabalho tem como objetivo expor sobre as heresias trinitárias e o desdobrar dos dogmas trinitários para reafirmar a ortodoxia da fé no Deus que é Pai, Filho e Espírito Santo. A metologia empregada foi a bibliográfica. O presente artigo busca compreender melhor esta realidade trilhando um caminho de como a Igreja, conduzida pelo Espírito de Cristo, trilhou o caminho desde os primeiros séculos para que tivesse a inspiração da inteligência da fé. Cujo resultado é apresentar como desde a Igreja Primitiva até os Concílios de Niceia (325) e Constantinopla (381) esta fé revelada e crida foi dogmatizada.

Palavras-chave: Dogmática. Trindade. Niceia. Constantinopla.

1 INTRODUÇÃO

O verbo “teologar” na teologia pode ser pensado à luz de várias práticas e modos diferentes nestes dois mil anos de história do Cristianismo. A teologia é como uma colcha de retalhos que se entrecruzam e complementam-se; é uma polifonia de vozes que formam a harmonia de uma peça musical; é o espaço de pensar, interpretar e elevar o espaço da crença e desafiar uma aventura espiritual; é um mistério a ser buscado.

Precisamente, um mistério, quanto mais se vive de Deus menos se sabe, ensinam os místicos (Palma, 2018, p.11). Contudo, apesar da profundidade abissal do mistério não significa afirmar que não se é possível fazer teologia sobre ele. Pois a teologia tendo como objeto Deus e o fim sendo o homem, tem Jesus enquanto revelador de Deus e das verdades fundamentais para salvação do gênero humano. Logo, se nos é revelado

¹ Graduado em Filosofia, pela Universidade Católica de Pernambuco e Graduando em Teologia na mesma universidade. E-mail: hudsonfilhof@gmail.com, hudson.2020104441@unicap.br

Deus como Pai, Ele se autorrevele pelo seu Filho e só se pode sondar este mistério por meio de seu Santo Espírito, “porque ninguém pode dizer Jesus é o Senhor senão no Espírito Santo” (1Cor 12,3).

Deus gosta de brincar com seu Povo e seu Povo, os homens, precisam brincar com o seu Pai. A temática da trindade na Teologia Cristã é como um jogo com nosso Pai Deus; jogo que ele quer jogar. Jogo criado pelo Filho na potência do Espírito Santo (Guardini, 1942, p. 81). A Santíssima Trindade, é o mistério da comunidade das pessoas divinas. Não é e não pode ser um mistério, tão somente, lógico-racional, não pode ser reduzido a um mistério entre a linha tênue do romantismo e o iluminismo, pois o mistério da Trindade é fundamentado em uma lógica nova, a da gratuidade, do amor e do dom. É a lógica que está além da razão, mas que também se usa da razão para dar motivos de sua fé.

Diante disso, a Igreja enquanto Mãe e Mestra nos toma a mão e nos leva por este caminho. Afinal:

No decurso dos primeiros séculos, a Igreja preocupou-se com formular mais explicitamente a sua fé trinitária, tanto para aprofundar a sua própria inteligência da fé, como para a defender contra os erros que a deformavam. Foi esse o trabalho dos primeiros concílios, ajudados pelo trabalho teológico dos Padres da Igreja e sustentados pelo sentido da fé do povo cristão (CIC, 2000, n. 250).

2 TEOLOGIA TRINITÁRIA NA IGREJA PRIMITIVA

O Mistério da Trindade só nos é conhecido, pois outrora nos fora revelado pelo Cristo. Esta revelação forma um paradoxo, não tão somente porque ela diz que Deus é ao mesmo tempo uno Deus e três pessoas, mas também porque a segunda das três pessoas, “Jesus Cristo, é perfeito Deus e perfeito homem, o que constitui um fator, de certa forma, de alteridade em Deus” (Lacoste, 2014, p. 1760).

Sabe-se que na Igreja Primitiva (séc. I ao IV), a conceituação do Deus Trino não era discutida de forma explícita como uma doutrina sistemática,

mas os cristãos já possuíam uma forte experiência de Deus como Pai, Filho e Espírito Santo, baseada nas Escrituras. Mesmo não tendo de modo explícito a formulação trinitária nas Letras sagradas, as passagens que mencionam a relação entre Pai, Filho e Espírito Santo indicando uma unidade essencial de Deus, mas com distinções reais entre as três pessoas divinas.

Santo Irineu afirma que a confissão trinitária pertence à regra da verdade que o cristão recebe no Batismo. O conteúdo dessa verdade consiste no fato de que se recebe o batismo para remissão dos pecados, no nome do Pai e do Filho e do Espírito Santo (Dantas, 2021, p. 111).

No Antigo Testamento Deus aparece como um ser misterioso, que não exclui em si uma pluralidade, por exemplo os Padres da Igreja explicitam no Gn 1,26 “façamos o homem”, como uma teofania trinitária; também o Shema (Dt 6,4): “Ouve, Israel: O Senhor nosso Deus é o único Senhor.” A unidade de Deus é central na fé judaica e, portanto, na base do cristianismo.

No Novo Testamento se é revelada de modo mais claro, tendo sempre de se ter uma postura de leitura à luz da ressurreição do Senhor. No evento do Pentecostes (At 2), quando acontece segundo a narrativa de Lucas, já está a proclamação do querigma pascal, tendo aí uma dimensão trinitária. Mas, se pudesse colocar em maior evidencia a perícope mais importante para a história do dogma trinitário seria a fórmula batismal de Mt 28,19: “Portanto, ide, fazei discípulos de todas as nações, batizando-os em nome do Pai, e do Filho, e do Espírito Santo.”, pois esta fórmula abarca as três pessoas da trindade colocando-as num pé de igualdade e segundo a ordem certa. Da mesma forma em 2Cor 13,13: “A graça do Senhor Jesus Cristo, o amor de Deus e a comunhão do Espírito Santo sejam com todos vós”. A fórmula trinitária é usada aqui para expressar a atuação de cada pessoa divina na vida cristã.

Esta fé trinitária que professamos em nossas comunidades hoje, tem uma raiz apostólica que chegou a nós por meio do “trabalho espiritual, teológico e pastoral dos Padres da Igreja dos teólogos e santos, das escolas

de teologia e de espiritualidade, dos [...] enfim, do ensinamento do Magistério e das gerações que nos antecederam" (Bingemer; Feller, 2009, p. 141). É esta Tradição que é constantemente atualizada no confronto com as diversas realidades de cada época.

Já os primeiros cristãos tiveram que dar motivos de sua fé e enfrentaram grandes desafios, pois não bastava tão somente fé para responder as perguntas, mas tinham que usar da inteligência para fundamentar a fé. Esta reflexão cristã "veio de duas preocupações: mais positiva, que busca a explicitação da fé; outra, mais crítica, que defende a fé diante de ataques ou deturpações" (Bingemer; Feller, 2009, p. 142).

Questões surgiram vindas do judaísmo palestinense que estava espalhado pela cidade do império romano. Os cristãos tinham que explicar como Deus, IAHWEH de Israel, é um só Deus, sendo três realidades distintas. Da mesma forma quando os cristãos se defrontaram como os povos do mediterrâneo, sendo eles politeístas, tendo que explicar a eles que o Pai, Filho e Espírito santo não são três novos deuses, mas somente um Deus vivo e verdadeiro. Ou até quando a filosofia grega chegou à conclusão de que Deus existe e que é um ser supremo, que dá a Ordem ao universo, que é O Espírito Perfeitíssimo. Mas que tinha dificuldade de unir a Divindade de Deus com este mesmo Deus que se encarnou por nós em Jesus de Nazaré e sendo Deus unidade também é diversidade.

Clemente Romano escreveu no final do século I: "Não temos nós um só Deus, um só Cristo, um só Espírito de graça, que foi derramado sobre nós, e uma só vocação em Cristo?" Nesse texto, vemos como o Papa Clemente tenta solucionar as discórdias na Igreja, invocando as três pessoas da Santíssima Trindade (Dantas, 2021, p. 115).

Percebe-se que a doutrina da Trindade não foi formulada de forma clara e sistemática desde o início da Igreja, pois a preocupação, até o séc. III, não era refletir sobre, mas celebrar, proclamar e crer.

A Didaqué, e a Primeira Apologia de Justino (metade do século II), que descreve como os candidatos do Batismo recebiam o banho batismal em nome do Pai e do Filho e do

Espírito Santo. [...] Outras doxologias trinitárias na *Tradicio Apostolica* e nos escritos dos Padres da Igreja. Orígenes, por exemplo, afirma que convém começar e terminar cada oração com o louvor ao Pai, por Jesus, no Espírito Santo (Dantas, 2021, p. 112-113).

Mas ela foi se desenvolvendo ao longo dos primeiros séculos da teologia cristã, ao passo que os primeiros cristãos iam dando motivos de sua fé e tentando expressar a revelação bíblica sobre a natureza de Deus. E apesar da experiência desta experiência inicial, a problemática não fora completamente desenvolvida de modo dogmático na Igreja primitiva até o Séc. IV, quando veio à tona controvérsias teológicas sobre a natureza de Cristo e do Espírito Santo. À medida que isso foi tendo força, os cristãos tiveram que sistematizar a doutrina trinitária defendendo a fé dos primeiros ataques, mantendo firme a ortodoxia, ou seja, a verdade como fora revelada nas escrituras.

3 DAS CONTROVÉRSIAS HERÉTICAS AO DOGMA TRINITÁRIO

As posições dos Padres da Igreja, apologistas e Padres Apostólicos, como Irineu de Lyon (130 – 202), Atanásio de Alexandria (296/298 – 373), Gregório de Nazianzo (329 – 390), Justino (100 – 165) e Clemente Romano (35 – 99), buscavam preservar tanto a unidade quanto a distinção das pessoas divinas, o que findou na formulação da doutrina trinitária. O dogma só fora formulado por causa da heresia que a precedeu, é um grave perigo para a ortodoxia da fé, mas em contrapartida faz com que a teologia avance e se desenvolva na refutação e fortificação da fé, por meio de um estudo mais aprofundado e cuidadoso daquela matéria de fé. Então, por meio de densos e intensos debates teológicos, a formulação clara e dogmática da Trindade foi definida, principalmente, nos concílios de Nicéia (325 a.C) e no de Concílio de Constantinopla (381 a.C).

De modo geral, os hereges antes de tocar de modo direto na questão trinitária, eles tentam se ater às Sagradas Escrituras, tentando determinar o lugar onde aparece a revelação de Deus para aquela doutrina errônea.

Assim sendo, no que se refere à compreensão racional do mistério trinitário, são principais heresias a se elencar: a Doutrina do Subordinacionismo nas vertentes de Ário e de Macedônio.

A figura principal da heresia do Subordinacionismo era Ário, presbítero de Alexandria, também conhecida como heresia/doutrina Ariana. Esta primeira heresia causou uma grande crise na Igreja, pois Ário tendo carisma e inteligência quase divide a Igreja por sua ser doutrina bastante atraente. “Poderíamos dizer que o primeiro problema a ser objeto dessa declaração doutrinal foi precisamente o ponto central da fé: a identidade última de Jesus Salvador, e com o sentido do monoteísmo cristão” (Ladaria, 2012, p.183). Ou seja, a sua pregação causa problemas, pois considera Cristo como uma criatura, uma criatura privilegiada, mas apenas uma criatura, criada e não gerada. Negando assim a sua condição divina. Como ele mesmo escreveu em sua carta ao Bispo de Alexandria resumindo sua doutrina:

Deus gerou um Filho unigênito antes de todos os séculos, por meio do qual criou os séculos e todas as coisas, nascido não em aparência, mas em verdade; obediente a sua vontade [...] O Filho saiu do Pai fora do tempo, criado e constituído antes dos séculos; não existia antes de nascer, senão que, nascido fora do tempo antes de todas as coisas, ele recebe o ser só do Pai[...]. Mas não é eterno, nem coeterno nem criado juntamente com o Pai (Ladaria, 2012, p. 184).

Segundo a doutrina ariana, o Verbo não é o Filho do Pai por natureza; houve um tempo que Deus não era Pai, pois o Filho é uma criatura. O Filho não é parte do Pai nem sua emanção; o Verbo é estranho a Deus, a Natureza do Filho não procede da Natureza do Pai. É até chamado de “Deus”, mas um deus inferior; o Verbo está sujeito a mudança física e moral; o Verbo é uma criatura (cf. Bingemer; Feller, 2009, p. 149), eis um bom resumo desta doutrina herética.

Na verdade, se analisar bem e entender o contexto no qual essa doutrina foi desenvolvida, ela significava interpretar o cristianismo à luz dos

esquemas helênicos em voga naquela época, o que reduz em grande medida a originalidade do cristianismo.

Podem explicar o fundo ideológico de Ário e de seus seguidores: primazia absoluta do uno, a μονάζ, que se identifica com Deus, o Pai, de quem tudo procede. A Ideia ou Logos é o segundo: é o Nous, o demiurgo. Por último, em terceiro lugar, vem a matéria que o demiurgo produz (Ladaria, 2012, p. 186).

A problemática foi tão arraigada que se convocou um concílio, o Concílio de Niceia, em 325. Sem dúvidas foi um ponto fundamental, quiçá decisivo, para o desenvolvimento do dogma trinitário. Em reação à heresia ariana, o concilio afirmou que o Filho é “Deus de Deus, luz da luz, Deus verdadeiro de Deus verdadeiro, gerado, não criado, consubstancial ao Pai” Ou seja, *homooússion* em relação ao Pai, a mesma natureza. E foi Atanásio que despontou neste concílio como a peça-chave na conceituação da palavra exata para definir a relação do Filho para com o Pai: *homooússion* = Consustancial. Embora sejam diferentes, um é o Filho e outro é o Pai, ambos são da mesma natureza divina. Com esta afirmação dogmática se supera o subordinacionismo ariano em relação à pessoa do Verbo.

Contudo, o foco foi para a pessoa do Espírito Santo, não mais sendo Ário o protagonista, mas os macedonianos, seguidores de Macedônio, Bispo de Constantinopla, são os famigerados pneumatômacos. A tese defendida por este grupo de hereges era de que o Espírito Santo seria uma espécie de fluído, de energia, de força que vem do único Deus, simplesmente uma energia. Eles chegam a quase afirmar a criaturalidade da Terceira Pessoa da Santíssima Trindade, pondo em risco sua divindade.

A reação ortodoxa ao macedonismo veio por parte dos chamados Padres Capadócios (Basílio de Cesaréia, Gregório Nazianzeno e Gregório de Nissa), que eram profundos conhecedores do Espírito Santo, pelo fato de virem do monaquismo oriental, com uma profunda experiência espiritual. Sua teologia - de influência neoplatônica (na qual o Espírito Santo é o princípio de divinização e de retorno do ser humano a Deus) é a base do que será o Credo niceno-constantinopolitano (Bingemer; Feller, 2009, p. 150).

O Concílio de Constantinopla, em 381, responde a esta heresia afirmando que o Espírito Santo é “Senhor e fonte de vida, que procede do Pai e com Pai e o Filho deve ser adorado e glorificado”, porque Ele também é Deus. Assim sendo, o primeiro Concílio de Constantinopla (381) e o segundo (553) irão aplicar a doutrina da consubstancialidade intratrinitária ao Espírito Santo.

Se alguém não confessa uma única natureza ou substância, uma única força e poder, uma Trindade consubstancial e uma única divindade do Pai e do Filho e do Espírito Santo, devendo ser adorada em três hipóstases ou pessoas, seja anátema. Um, de fato, é Deus Pai, de quem tudo existe, um o Senhor Jesus Cristo, por quem tudo existe, um o Espírito Santo, em quem tudo existe (Dantas, 2021, p. 147).

É válido frisar que o I Concílio de Constantinopla reafirmou as decisões do Concílio de Niceia (325), condenou o arianismo e esclareceu a doutrina sobre o Espírito Santo, combatendo esta heresia em questão. Uma figura importante da defesa da ortodoxia na doutrina do Espírito Santo foi Basílio de Cesareia, mesmo não estando presente, ele contribuiu muito com sua obra Sobre o Espírito Santo. Assim, o seu legado teológico foi fundamental para as deliberações conciliares. De tal modo que ele insiste na inseparabilidade do Espírito Santo do Pai e do Filho, servindo do termo koinonia para ilustrar esta união. Cada uma das pessoas é irrepetível e é Deus inteiramente.

O Espírito é nomeado juntamente com Deus; e da koinonia da glória. Por intermédio do Filho único está unido com o único Pai; é próprio do Filho segundo a natureza. Mais ainda, é “divino segundo a natureza”. Por isso, o Espírito há de ser glorificado com o Pai e o Filho. Entre o Pai, o Filho e o Espírito não há diferença de grau, porque a Escritura não fala nunca de um primeiro, segundo ou terceiro (Ladaria, 2012, p. 223)

Os grandes perigos destas doutrinas subordinacionistas, seja no viés de Ário, negando a divindade do Verbo, seja no viés de Macedônio, negando a divindade do Espírito do Filho, são a do patriarcalismo e do espiritualismo. Quando se nega a divindade do Filho e do Espírito Santo se rejeita toda a história da Salvação, se nega um Deus que se revela unidade na Trindade,

que se encarna e que valoriza, santifica a matéria do mundo e do corpo humano, recriando e santificando o homem a todo tempo.

4 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Fora possível perceber que na Igreja Primitiva, o conceito trinitário foi desenvolvido gradualmente a partir da revelação bíblica sobre a natureza de Deus, que apontava tanto para a unidade divina quanto para a distinção entre o Pai, o Filho e o Espírito Santo. Embora não explicitamente formulada nas Escrituras, a doutrina da Trindade tornou-se central para a fé cristã. As interpretações dos Padres da Igreja buscaram preservar esses aspectos, enfrentando desafios como as heresias do arianismo e do macedonianismo.

Após intensos debates teológicos nos séculos II e III, a formulação clara e ortodoxa da Trindade foi consolidada nos Concílios de Nicéia (325 d.C.) e de Constantinopla (381 d.C.), que estabeleceram que o Pai, o Filho e o Espírito Santo são um só Deus em três pessoas coeternas, consubstanciais e coiguais, definindo assim a ortodoxia cristã. Enfim, findando a feitura deste caminho guiado por um Deus que é Amor, é possível proclamar interiormente com mais fervor esta aclamação, que é dita após a solene renovação das promessas batismais: esta é a nossa fé, que da Igreja recebemos, razão de nossa esperança e da nossa alegria.

REFERÊNCIAS

BÍBLIA de Jerusalém. São Paulo: Paulus, 2002.

CATECISMO da Igreja Católica. São Paulo: Loyola, 2000.

BINGEMER, Maria Clara L., FELLER, Vitor Galdino. *Deus Trindade: a vida no coração do mundo*. 4ª ed. São Paulo: Paulinas, 2014.

DANTAS, João Paulo de M. *Deus uno e trino: uma introdução à teologia trinitária*. São Paulo: Cultor de Livros, 2021.

- GUARDINI, Romano. *O Espírito da Liturgia*. Rio de Janeiro: Lumen Christi, 1942.
- LACOSTE, Jean-Yves. *Dicionário crítico de teologia*. 2^a ed. São Paulo: Paulinas, 2014.
- LADARIA, Luiz F. *O Deus vivo e verdadeiro: o mistério da Trindade*. 2^a ed. São Paulo: Loyola, 2012.
- PALMA, Alexandre. *O mistério da Trindade: falar com Deus junto de nós*. São Paulo: Paulinas, 2018.